

AS IRMÃS FELICIANAS E A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DAS CEBs EM SERRA PRETA ENTRE OS ANOS DE (1975 E 1985)

Data de submissão: 15/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Rodrigo Santana Oliveira

Universidade do Estado da Bahia
Departamento de Ciências Huamas —
Campus V
Santo Antônio de Jesus
Programa de Pós — Graduação em
História Local e Regional

RESUMO: O presente artigo é uma breve reflexão que faz parte da minha pesquisa de mestrado no Programa de História Local e Regional do Campus V da UNEB de Santo Antônio de Jesus. O objetivo desta comunicação é buscar evidenciar como se deu a trajetória histórica das CEBs na Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho em Serra Preta a partir da ordem religiosa das Irmãs Felicianas que chegaram a Paróquia na década de 1970, quando as CEBs estavam em alta em todo Brasil. Buscamos, para guiar as nossas reflexões teóricas e os rumos historiográficos da Nova História Política, uma vez que de acordo Rémond¹, fica nítido que dentro das novas possibilidades de investigação do campo político, a atuação de grupos religiosos como das CEBs e movimentos

sociais, ganharam destaques, se tornando indispensável para novos estudos. Nesse sentido, se apropriamos também das definições de Frei Betto acerca da concepção de CEBs para melhor entender a trajetória histórica e atuação destas comunidades em Serra Preta. Dentre as fontes consultadas trabalhamos com o jornal Feira hoje da Cidade de Feira de Santana, as atas das irmãs Felicianas, as fontes orais e documentos eclesiais da igreja.

PALAVRAS-CHAVE: CEBs, Irmãs Felicianas e Trajetória Histórica.

ABSTRACT: This article is a brief reflection of my course completion research (TCC), underway at the Department of Education UNEB campus XIII of Itaberaba. The purpose of this communication is to seek to highlight how was the historical trajectory of CEBs in the Parish Our Lady of Good Counsel from the religious order of the Felician Sisters who arrived in the 1970s, when the CEBs were high throughout Brazil. We seek to guide our theoretical reflections historiographical direction of the new political history, since according to Rémond, it is clear that within the new possibilities of research of the political field, the activities

1 RÉMOND, René (org.). Por uma História política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

of religious groups such as the CEB and social movements, won highlights, becoming indispensable for further studies. In this sense, we also appropriated the Frei Betto settings on the CEBs design to better understand the historical trajectory and performance of these communities in Serra Preta. Among the sources consulted work with the Fair newspaper today the city of Feira de Santana, the minutes of the Felician Sisters, oral sources and ecclesial documents of the church.

KEYWORDS: CEB, Felician Sisters and Historical Path

INTRODUÇÃO:

O surgimento das CEBs² na década de 1970 foi um fenômeno em todo Brasil, no entanto em Serra Preta³ essa concepção de CEBs só é possível ser entendida a partir da chegada da ordem religiosa das Irmãs Felicianas⁴ na Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho. Sendo assim, a trajetória histórica e a própria atuação social destas comunidades em Serra Preta, esta articulada diretamente com a chegada dessa ordem religiosa que alterou não apenas o contexto religioso do município, bem como o contexto da disputa de poder político local.

Estas comunidades foram o que podemos chamar de força da Igreja, pois estavam na base desde sua formação. No início da década de 1980 várias Congregações femininas chegaram ao Brasil e foram incentivadoras e acompanharam a formação das CEBs. Trabalhavam em parceria com os padres estrangeiros que já pastoravam aqui no país. Como afirma Löwy:

As CEB"s começaram a crescer sob o impulso de um grande número de padres e de religiosos e com o apoio dos bispos radicais. As Religiosas de Ordem femininas foram não apenas as mais numerosas existem 37 000 irmãs no Brasil – mas também, por qualquer outro fator de comparação, as mais eficazes no estabelecimento de comunidades nos bairros pobres das cidades.⁵

Os dados apresentados por Löwy são referentes ao princípio da década de 1970. Em Serra Preta, aconteceu na transição da década de 1970 para o início de 1980. Na

2 São comunidades porque reúne pessoas que têm a mesma fé, pertence à mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São eclesiais, porque congregadas na igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares) donas-de-casa, operários, trabalhadores rurais, estudantes, aposentados, etc. BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. 2º edição. São Paulo: Brasílica 1981.

3 O município de Serra Preta está localizado na microrregião de Feira de Santana no território de identidade da Bacia do Jacuípe a uma distância de 162 km da capital do Estado. Segundo, estimativa do IBGE (2010), a população do município de Serra Preta chega a 15.672, compreendendo uma área territorial de aproximadamente 536, 488 Km2, fazendo limite com as cidades de *Riachão do Jacuípe, Ipirá, Anguera e Ipecaetá*.

4 A ordem é um instituto religioso de direito pontifício cujos membros professam votos públicos de castidade, pobreza e obediência e seguem o caminho evangélico de vida em comunidade. A história da comunidade Felicianas teve seu início no século dezenove na Polônia, que deixou de existir como nação no ano de 1795, quando foi dividida entre a Rússia, a Prússia, e a Áustria. O duro começo no setor Russo foi mesclado com a tristeza e a angústia dos pobres e dos aflitos enquanto o país lutava sob a opressão da liderança estrangeira. A meta da comunidade é cooperar com Cristo na renovação espiritual do mundo. Sendo uma congregação apostólica, as Irmãs Felicianas cumprem sua missão na Igreja através da contemplação e da ação.

5 LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez/autores associados. 1991. p. 56

década de 1970 que é quando as Irmãs Felicianas chegam na Diocese de Feira de Santana e posteriormente em Serra Preta por designação do Bispo Dom Silvério.

De acordo com a revista ALFA⁶ o município tinha 19.300 habitantes com uma população concentrada mais na zona rural do que na zona urbana. Sendo que, neste período tínhamos um município muito mais rural do que urbano, diferente de hoje, principalmente, por conta do êxodo rural ocorrido nos últimos anos, fator esse que explicará futuramente o porquê do surgimento das CEBs em Serra Preta estar concentrada, sobretudo na zona rural, assim como nas grandes regiões do país.

Em 21 de julho de 1962, pela Bula Papal “*Novae Ecclesie*” pelo Papa João XXIII, foi criada a Diocese de Feira de Santana e oficializou-se, sendo desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Diocese que a Paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho de Serra Preta nesse mesmo ano passaria a fazer parte.

A Paróquia de Serra Preta passou a fazer parte de uma nova realidade eclesial, em relação a sua Diocese que assim como toda Igreja Católica no Brasil e no mundo passava por um processo de profundas mudanças, em função do Concílio Vaticano II. Ainda que essas mudanças, já viessem acontecendo desde pós-guerra, mas é o Vaticano II (1962-1965) que vai aceitar estas modificações trazendo os leigos para o corpo eclesiástico. Assim o surgimento da Diocese de Feira de Santana é oriundo desse processo de mudanças eclesiais.

Nesse sentido, de atualização da Igreja o Vaticano II abriu as portas da Igreja de Roma às questões da modernidade e proporcionando o desencadear de novas formas de ser igreja a partir das suas realidades sendo um grande marco dentro da Igreja Católica no século XX.

Embora, para Oscar Beozzo ao nos debruçarmos sobre a recepção desse evento, devemos atentar para um dado, tranquilamente aceito pela historiografia que o Concílio foi dominado hegemonicamente por bispos e teólogos da Europa, de modo particular, da Europa Central, apesar do Vaticano II ter sido tão bem recebido pela Igreja Católica do Brasil a presença dos bispos brasileiros foram minoria no evento.⁷

Desse modo, o reconhecimento da Igreja Católica acerca das CEBs está ligado a II Conferências Episcopal de Medellín.⁸ Esta Conferência em 1968 na Colômbia e todo esse processo de atualização que a igreja vinha passando, desde o Concílio Vaticano II foram importantes, sobretudo, para Igreja Católica do Brasil que por meio das CEBs caminhava em direção a Teologia da Libertação como instrumento de análise crítica da realidade.

6 Revista ALFA, ano III – n° 12 Salvador – BA.

7 BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1994.

8 Foi convocada pelo Papa Paulo VI para aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja presente na América Latina. A temática proposta foi “A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II”. A abertura da Conferência foi feita pelo próprio Papa que marcou a primeira visita de um pontífice à América Latina.

Contudo, todo esse *aggiornamento*⁹ que a Igreja passou a viver a partir da década de 1960, também chegou a Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho em Serra Preta por meio de renovações tendo as Irmãs Felicianas como mediadoras desse processo de mudanças.

O primeiro desdobramento na Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho de Serra Preta fruto desse processo de atualização que a Igreja Católica vinha passando pós Medellín é a criação da sua própria Diocese que ocorreu no dia 21 de julho de 1962 pela bula “*Quandoquidem novae*” do Papa João XXIII, como forma de descentralização do poder da Arquidiocese de Salvador.

O outro desdobramento, relevante oriundo deste processo na Paróquia de Serra Preta seria a formação das Comunidades Eclesiais de Base, por meio dos serviços pastorais desenvolvidos pelas Irmãs Felicianas em Serra Preta a partir da década de 1970 como orientava Medellín e o Plano de Pastoral de Conjunto da CNBB, que foi pensando a partir dos documentos conciliares.

Portanto, as mudanças na igreja de modo geral a partir do Vaticano II também chegaram a Paróquia de Serra Preta, principalmente, após Medellín, ou seja, a criação da própria Diocese vem atender as novas diretrizes da igreja, sobretudo por meio da criação das CEBs que em Serra Preta é uma ação peculiar das Irmãs Felicianas.

IRMÃS FELICIANAS E AS CEBs EM SERRA PRETA

A trajetória histórica das CEBs na Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho em Serra Preta, se configura em um contexto político e religioso articulado inicialmente pela ordem religiosa das Irmãs Felicianas, que chegaram à Bahia na Cidade de Feira de Santana vindo de Curitiba no ano de 1977 de acordo os registro de suas atas.¹⁰

A vinda dessa ordem religiosa para Bahia e posteriormente para Serra Preta não seria por acaso, ou seja, pensando a vinda dessas irmãs dentro de um contexto de restauração e mudanças que a Igreja estava vivendo nesse período da década de 1960 em função do que orientava o Vaticano II (1962-1965) e principalmente da Conferência Episcopal de Medellín, (Colômbia-1968).

Logo identificamos que a chegada dessa ordem religiosa na Diocese de Feira de Santana esta articulada com as novas diretrizes que a Igreja Católica passava a viver, sobretudo, no que tange o processo de mobilização e formação de CEBs que as Irmãs Felicianas começaram a desenvolver nas Paróquias do interior da Diocese de Feira de Santana como em Serra Preta por meio de uma ação pastoral libertadora.

9 Aggiornamento é um termo italiano utilizado durante o Concílio Vaticano II e que o Papa João XXIII popularizou como expressão do desejo de que a Igreja Católica saísse atualizada do Concílio Vaticano II.

10 Ata da chegada das Irmãs Felicianas em Feira de Santana. Pagina 22, as 14:32h

Segundo Irmã Isabel¹¹ o ano era 1978 quando ela e Irmã Francelina Rocco¹² chegaram a Paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho em Serra Preta para visitar alguns amigos.

Sendo que, neste mesmo período as CEBs em Feira de Santana estavam no auge com os padres espanhóis. Ou seja, na sede da Diocese as CEBs já tinham começado a germinar, é tanto que segundo a entrevista do Bispo Don Silvério¹³ ao *Jornal Feira Hoje*¹⁴ este prestou conta de seus serviços eclesiais neste periódico por conta da visita Ad Limina¹⁵ ao Papa João Paulo II em 1980, afirmando que: “conseguiu organizar pastoral e administrativamente as paróquias (...) A Diocese criou Conselhos paroquiais e organizou Comunidades de Base”. O bispo assegurava que a diocese vinha crescendo e já realizava muitas atividades inclusive na “linha” de CEBs.¹⁶

De acordo Irmã Rosália, a principal razão do envio das Felicianas a Serra Preta especificamente foi por que:

Na época, muitas Paróquias do interior da Diocese de Feira de Santana, estavam sem Párocos ou eram servidas esporadicamente por alguns sacerdotes que já tinham outras Paróquias sob a sua responsabilidade. O próprio Dom Silvério, com grande sacrifício e generosidade assumia estes locais de quando em quando e com ele ia uma ou outra Irmã Felicianas para ajudá-lo nos Cursos para noivos, pais e padrinhos e todo tipo de orientação paroquial. Foi assim que as Irmãs, aos poucos foram assumindo definitivamente o trabalho em Serra Preta. Da mesma forma, foi à necessidade de uma presença religiosa que fez com que as Irmãs optassem por prestar um serviço mais sistemático em Serra Preta e em algumas Comunidades Rurais pertencentes à Paróquia de Serra Preta.¹⁷

Isto é, conforme o relato da Freira Rosália as Irmãs Felicianas vão para Serra Preta por conta das necessidades eclesiais e missionárias como nos relata a nossa depoente, mas ao chegarem a Paróquia essas necessidades eclesiais começam a ganhar outros rumos e horizontes bem como nos relata Irmã Isabel:

Ir. Francelina começou apoiar o Sindicato em Feira de Santana a qual participamos da grande Greve, e com este envolvimento sentimos a necessidade de fundar e acompanhar os Sindicatos do interior. Anguera estava para fundar o Sindicato e aí fomos fazer várias visitas e também no Bravo, já existia o sindicato mais ligado as situações dos coronéis eles que mandavam em tudo inclusive um que morava numa fazenda próxima do Bravo o Falcão {...}

11 Uma das primeiras Felicianas que passou a morar na Paróquia de Serra Preta como forma de está mais presente na vida das comunidades. Diferente de outras Irmãs Felicianas que só vinha na Paróquia de passagem. Isabel foi a responsável pelo projeto de instalação de uma casa das Felicianas na Paróquia como forma de melhor atender as comunidades e as Irmãs que vinha fazer serviço pastoral na Paróquia, porém que eram de fora.

12 Uma das primeiras Felicianas que passou também a morar na Paróquia de Serra Preta junto com Irmãs Isabel.

13 Frei Silvério foi nomeado bispo de Caetité, pelo Papa Paulo VI, no dia 17 de março de 1970 Recebeu a ordenação episcopal no dia 10 de maio de 1970.

14 Jornal Feira Hoje, 05 de setembro de 1984. Caderno 2, p. 4

15 Visita que todos os bispos fazem ao papa geralmente a cada cinco anos para prestar contas de seu serviço pastoral.

16 Evejânia, Rita dos Santos. Interação Fé e Vida: A “caminhada” das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1975-1985). Feira de Santana: UEFS, 2010. Monografia do curso de História.

17 Entrevista cedida por Irmã Rosália uma das primeiras Felicianas a passar por Serra Preta em 1977. A entrevista aconteceu via e-mail no dia 04 de Julho de 2014.

Desse modo, percebemos que a chegada das irmãs Felicianas em Serra Preta extrapola a sua atuação no campo religioso. Sendo que um dos principais motivos que levaram irmã Isabel e Irmã Francelina a Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho de Serra Preta em especial nas comunidades do distrito do Bravo¹⁸ e do distrito do Ponto foi à questão do Sindicato, principalmente, devido neste período da década de 1970 na região de Serra Preta existir um grande envolvimento dos trabalhadores rurais, com os sindicatos por conta das disputas de terra envolvendo trabalhadores e fazendeiros.

Contudo, essa memória de Irmã Isabel é uma memória social e, sobretudo seletiva,¹⁹ uma vez que, ela faz questão de lembrar principalmente da luta sindical, haja vista que dentro do propósito da Igreja o objetivo maior seria a questão missionária e não sindical.

Desse modo, em um contexto mais amplo compreendemos que as CEBs na América Latina, e, sobretudo no Brasil vão nascerem também do envolvimento da igreja com organizações sociais, bem como sindicatos, partidos, e associações comunitárias, por conta do seu contexto político e social que o Brasil se encontrava naquele período. Ressalta Mainwaring, “a Igreja tornou-se a mais importante força de oposição (...) era a única instituição que podia criticar o modelo econômico e a repressão e defender os direitos humanos”.²⁰

A trajetória histórica do movimento de CEBs que se configurou em Serra Preta também atuou dentro de um campo político, embora para uma parte da igreja a ala mais conservadora e direitista essas ações não fossem interessantes e nem relevante, principalmente, levando em consideração que as CEBs representou um novo modelo de organização social, onde o poder eclesial é descentralizado por meio da participação e envolvimento dos leigos com os serviços eclesiais que antes era controlado exclusivamente pela igreja oficial.²¹

No entanto, o envolvimento das Irmãs Felicianas com o sindicato e outras questões sociais da comunidade é justamente o diferencial trazido pela Teologia da Libertação no sentido de ocupar outros espaços políticos na defesa de direitos, sobretudo, por meio do método “Ver, Agir e julgar”, que se popularizou como a metodologia de trabalho das CEBs em todo Brasil.

Acreditamos como uma das hipóteses que as irmãs foram escolhidas justamente por que seu trabalho caminharia exatamente para essas questões, e essas ações, passaram a fazer parte dos interesses e ação da Igreja Católica que chegava a região através da presença do Bispo Dom Silvério e das atualizações proposta por Medellín. A vinda destas Irmãs Felicianas para Bahia fazia parte de um projeto muito maior da Diocese de Feira de Santana, onde Serra Preta por ser uma paróquia pertencente a diocese passou a fazer parte.

18 Maio distrito administrativo do município.

19 HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990, p.25

20 MAIWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil*(1916-1985). São Paulo: Brasiliense,1989. p. 125

21 BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. Como fazer teologia da libertação. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

A partir das narrativas de Irmã Isabel, fica bem evidente o envolvimento da igreja com os sindicatos de trabalhadores rurais, sobretudo, nas cidades de interior. Todavia, esse engajamento no sindicalismo rural da igreja teve início em 1959 e rapidamente se alastrou por grande parte das regiões do Brasil e a Igreja tornou-se o principal agente na sindicalização dos trabalhadores das zonas rurais.

Desse modo, a presença das Irmãs Felicianas neste período da década de 1970 em Serra Preta foi importante não só na articulação sindical, bem como também na contribuição, para criação das CEBs que nasceu no calor do envolvimento com essas organizações política.

Segundo Irmã Isabel:

Essas comunidades surgiram em meia a muitas dificuldades desde transporte para as comunidades quanto de irmãs para que vissem morar no Bravo. Por isso eu fiquei três anos morando sozinha até fazer um pedido a Ministra da Congregação para a compra no Bravo a casa das irmãs Felicianas. No entanto, essas comunidades começaram por meio de serviços eclesiais, atrelado a lutas da comunidade por água, educação, segurança e outros serviços básicos que nesse período era precário em Serra Preta. Nos Irmãs Felicianas, pagávamos sempre para que duas ou três pessoas de cada comunidade estivessem indo sempre uma vez no mês no Papaguai em Feira de Santana para participar dos cursos de formação de lideranças. Para além, destas formações de lideranças que nos irmãs incentivava para que acontecer, começamos também nestas comunidades grupos de Jovens, encontros da catequese, encontro de casais dentre outras atividades de evangelização que começaram acontecer.²²

Então, entende-se que a trajetória histórica e atuação social das CEBs em Serra Preta não se restringiram somente ao campo eclesial, mas ao campo político de direitos, bem como nos relatou Irmã Isabel. As comunidades de Serra Preta depois da chegada das Irmãs Felicianas passaram assumir uma militância sociopolítica, caracterizando se assim uma identidade de CEBs que buscava associar o trabalho de evangelização pastoral com as lutas políticas da comunidade, bem como defendia o movimento da Teologia da Libertação.

Conforme Teixeira:

As CEBs sublinham como essencial o vínculo que articula o seguimento de Jesus com a luta em favor da transformação da sociedade. O critério da humanização é decisivo na práxis das CEBs e em sua forma de compreender o valor da experiência religiosa. As comunidades sempre pontuaram a centralidade do testemunho em favor do Reino de Deus, que passa necessariamente pela afirmação de vida dos pequenos e excluídos. A abertura ao social constitui um traço congênito das CEBs.²³

Para tanto, essa memória que Irmã Isabel invoca das primeiras experiências histórica do processo inicial de formação das CEBs em Serra Preta, serve para percebemos

²² Entrevista cedida por Irmãs Isabel via E-mail em 22 de Maio de 2013.

²³ TEIXEIRA, F. L. C. *a gênese das CEBs no Brasil* – elementos explicativos. 1987. São Paulo, Loyola. P.56

que as CEBs em Serra Preta de acordo Teixeira também deram ênfase ao processo de transformação social da comunidade sem precisar abrir mão dos serviços pastorais e nem da atuação social. Uma vez que, o critério de humanização cristã que as Irmãs Felicianas usaram na metodologia de formação e articulações das CEBs em Serra Preta foram decisivos para que a atuação social destas comunidades germinasse.

Sendo assim, é impossível negligenciar a importância e o papel da ordem religiosa das Irmãs Felicianas na formação, animação e consolidação das CEBs em Serra Preta, dentro de uma trajetória histórica que também é marcada por uma atuação social na busca por direitos e cidadania. Referente às Ordens religiosas femininas afirma Löwy:

As CEBs começaram a crescer sob o impulso de um grande número de padres e de religiosos e com o apoio dos bispos radicais. As Religiosas de Ordem femininas foram não apenas as mais numerosas existem 37 000 irmãs no Brasil – mas também, por qualquer outro fator de comparação, as mais eficazes no estabelecimento de comunidades nos bairros pobres das cidades.²⁴

Os dados apresentados por Löwy são referentes ao princípio da década de 1970. Em Serra Preta, aconteceu na transição da década de 1970 para o início de 1980. E referente às ordens religiosas femininas a Igreja Católica no Brasil nesse período não pode ser compreendida sem considerar a presença e o trabalho dessas religiosas como as irmãs Felicianas.

Até porque, historicamente a igreja no Brasil nunca conseguiu construir verdadeiros presbitérios que ao redor do bispo assumisse a responsabilidade pela porção do povo de Deus que forma uma diocese. Ela sempre dependeu profundamente das grandes ordens religiosas femininas e posteriormente das congregações para a pastoral direta, a catequese e o atendimento sacramental do povo.²⁵

As ordens religiosas femininas sempre ocuparam um lugar importante e de destaque na igreja, embora a igreja nem sempre tenham reconhecido esse novo modelo eclesial de igreja, principalmente, com as mulheres a frente desse processo político.

É tanto que essa questão da “emancipação”, sobretudo das mulheres dona Esmeralda trabalhadora Rural de Serra Preta e militante das CEBs a qual teve uma grande aproximação das Irmãs Felicianas disse que as irmãs: “ensinaram a nós serem mulheres e a enfrentarem os maridões que queria que elas só ficassem em casa e não se envolvesse com os movimentos de igreja”. Ou seja, para além da contribuição da formação das CEBs as Irmãs Felicianas também contribuíram na questão do empoderamento feminino das mulheres que participavam do movimento de CEBs em Serra Preta.

No entanto, é importante considerar que a conjuntura política do Brasil em 1978, quando as Irmãs Felicianas chegaram a Serra Preta ainda estava sobre a herança do golpe civil e militar de 1964, contudo, isso não impediu que as Irmãs Felicianas iniciassem seus

24 LOWY, Michael. A guerra dos deuses: religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.p. 56

25 QUEIROZ, Antonio Celso. A Igreja no Brasil. RJ-Brasil/ano 1977

serviços pastorais e atuações sociais nas comunidades. Politicamente as comunidades rurais sempre estiveram divididas por conta das disputas envolvendo a política local que direto ou indiretamente sempre terminava influenciando o contexto religioso.

Nesse período, Serra Preta estava dividida politicamente entre os dois principais grupos políticos do município oriundos do antigo partido ARENA. Um grupo era liderado pelo prefeito o Sr. Clodoaldo Ferreira de Souza o PDS – I e o outro grupo de oposição que era liderado pelo Sr. Moacyr Cerqueira o PDS – II. Conforme o Zelito Leite, vereador a época, essa subdivisão do partido foi uma designação do Governador como forma de aconchegar a todos na legenda para não perder as suas lideranças locais. É importante destacar que essa divisão se deu por meio de uma conversão partidária super. disputada na sede do Município, onde o grupo do prefeito ganhou o direito de ficar com o PDS - I e o grupo de oposição ocupou o PDS – II momentaneamente antes de migrarem para o PMDB.

Desse modo, os primeiros desafios das irmãs Felicianas ao chegarem a Paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho era tentar unir estas comunidades, que para além de ainda não terem uma consciência de CEBs formada estavam divididas por questões da política local. Neste contexto a Irmã Isabel ao ser perguntado se algum destes grupos políticos da cidade tinha resistência ou implicância ao seu trabalho pastoral nestas comunidades respondeu que:

Sempre fomos oposição e não éramos bem vistas no local pelos políticos, diretamente não nos dizia nada, mas tinha os seus que as ocultas nos fazia ameaças inclusive tal de Ademir do Sindicato que era a favor da política local para se manter no poder.²⁶

Percebe-se na narrativa da Irmã Isabel uma consciência política de oposição, porém compreendemos que esta oposição não se tratava de uma oposição sistemática, mas, sim uma oposição enquanto igreja. Para além, disso identificamos na sua narrativa os embates políticos que existiam nestas comunidades através do espaço religioso.

A depoente nos deixa entender que o surgimento das CEBs em Serra Preta perpassar as relações de poder a partir do campo religioso²⁷ que segundo Bourdieu, a disputa pelo poder religioso ocorre devido ao fato de que este se constitui enquanto espaço legítimo de poder e o monopólio sobre este possibilita o poder de:

modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um habitus religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e intransferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência.²⁸

As CEBs em Serra Preta se configuraram dentro de um campo religioso permeado

²⁶ Entrevista cedida via e-mail em 05 de maio de 2014.

²⁷ BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. 7ª. Ed. Coleção Ciências Sociais, São Paulo: Perspectiva, 2011.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. 7ª. Ed. Coleção Ciências Sociais, São Paulo: Perspectiva, 2011. Pág. 88.

de disputas e poder, principalmente por parte da política local de Serra Preta. Assim, a partir destas disputas e experiências de renovação que a Igreja de Serra Preta viveu a partir da chegada das Irmãs Felicianas conseguimos identificar uma relevante aproximação com o processo de atualização que a Igreja Católica de modo geral vinha passando em todo o mundo, com um diferencial que é a presença das Irmãs Felicianas que possivelmente “beberam” na Teologia da Libertação como inspiração ideológica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A trajetória histórica das CEBs em Serra Preta com certeza foram experiências relevantes para toda Paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho principalmente no sentido das lutas sociais que foram travadas na busca por melhorias dos serviços públicos. No entanto, hoje em Serra Preta a trajetória e atuação social destas comunidades não morreram, mas é notório o enfraquecimento por uma serie de fatores, dentre eles a própria desvalorização destas comunidades, por parte das estruturas paroquianas e diocesanas que passaram a concentrar o poder eclesial.

A proposta das CEBs sempre foi o avenço a essa situação principalmente no que tangue a dinâmica de poder que não deveria está concentrado, mas sim distribuído.

Portanto, as irmãs Felicianas continuam atuando na Paróquia, porém com outras características de evangelização, diferente das Felicianas que atuaram em Serra Preta na década de 1970. Mas, independente dos avanços e retrocessos o certo é que a trajetória das CEBs iniciadas pelas Irmãs Felicianas na Paróquia de Serra Preta marcou o inicio de uma primavera eclesial no sentido, sobretudo da conscientização social e política dos sujeitos que participaram desse movimento, embora essa nuca tenha sido a vontade do clero tradicional, mas sim de uma parte progressista da igreja que também atuou em Serra Preta na década de 1970 por meio dos serviços eclesiais das irmãs Felicianas.

REFERÊNCIAS

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. 7ª. Ed. Coleção Ciências Sociais, São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOFF, Leonardo. **Igreja: Carisma e Poder**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FREI BETTO. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. 2a edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

Evejânia, Rita dos Santos. **Interação Fé e Vida: A “caminhada” das Comunidades Eclesiais de Base em Feira de Santana (1975-1985)**. Feira de Santana: UEFS, 2010. Monografia do curso de História.

LOWY, Michael. **Marxismo e Teologia da libertação**. São Paulo: Cortez/autores associados. 1991.

LOWY, Michael. A guerra dos deuses: **religião e política na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Melo Luiz Argolo de. **Fé, poder e vidas nas comunidades Eclesiais de Base de Mutuípe (1975-2000)** /. Santo Antonio de Jesus, 2012. Dissertação de mestrado do curso de história- UNEB, 2012.

MAIWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro:, vol.2, nº 3, FGV, 1989.

REMÓND, René. **Por uma História Política**. 2 ed. Rio de Janeiro:Editora FVG, 2003.

RIDENTI, Marcelo. **O Fantasma da Revolução Brasileira**. Campinas: Ed. Unicampi, 1993.

ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado**. São Paulo: Kairós, 1979.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo, 1970-80**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.